

# FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: O GRUPO DE ESTUDOS "ENSINO DE HISTÓRIA"

---

## *The ongoing teacher training: The teaching history study group*

## *Formación continua de profesores: Grupo de estudios "enseñanza de historia"*

Nadia G. Gonçalves<sup>1</sup>

### RESUMO

Neste trabalho discute-se uma iniciativa de formação inicial e continuada de professores de história para a educação básica, o grupo de estudos "Ensino de história", que agrega graduandos dos cursos de Pedagogia e História e professores em exercício. Seu objetivo é discutir fundamentos teórico-metodológicos do ensino de história e possibilidades de usos de materiais didáticos e documentos no ensino de história. A proposta do grupo de estudos funda-se na necessidade de refletir a respeito da função da escola e do ensino de história na escola, no mundo contemporâneo, e dos dilemas que envolvem esses temas, trazidos para a especificidade local; e de problematizar e discutir o uso de fontes primárias no ensino de história, conforme contribuições de Suzanne Citron, Gemma Traveria, Philippe Perrenoud e Pierre Bourdieu, principalmente.

Palavras-chave: grupo de estudos; ensino de história; formação inicial e continuada.

### ABSTRACT

In this study, we discuss an initiative for initial and ongoing training of elementary school history teachers in the form of the Teaching History Study Group, which includes undergraduates from teacher training colleges and history courses along with teachers who are already fully qualified. The group discusses theoretical and methodological bases for the teaching of history and the possible uses of teaching materials and documents in the classroom. The group feels that there is a need to reflect on the role of the school and the teaching of history in school in the contemporary world and the dilemmas which arise therein have to be brought into a local context. The group also problematizes and discusses the use of primary sources in history teaching, mainly in accordance with the writings of Suzanne Citron, Gemma Traveria, Philippe Perrenoud and Pierre Bourdieu.

Keywords: study group; history teaching; initial and ongoing training.

### RESUMEN

En este trabajo se discute una iniciativa de formación inicial y continua de profesores de Historia para la educación básica: el Grupo de Estudios "Enseñanza de Historia", compuesto por Estudiantes avanzados

---

<sup>1</sup> Licenciada, especialista e mestre em História (Unesp-Assis) e doutora em Educação (USP). Professora adjunta da UFPR – Departamento de Teoria e Prática de Ensino. UFPR, Setor de Educação, DTPEN, Rua General Carneiro, 460, Ed. D. Pedro I, 5º andar, sala 501, 80060-150, Curitiba (PR), (41) 3360-5383/5149, nadiagg@ufpr.br

de los cursos de Pedagogía e Historia y profesores en ejercicio. Su objetivo es discutir fundamentos teórico-metodológicos de la enseñanza de Historia y las posibilidades de uso de materiales didácticos y documentos en la enseñanza de la disciplina. La propuesta del Grupo de Estudios se basa en la necesidad de reflexionar acerca de la función de la escuela y de la enseñanza de la materia en la escuela, en el mundo contemporáneo, y sobre los dilemas que cercan estos temas, tratados específicamente in situ; y busca, por otro lado, problematizar y discutir el uso de fuentes primarias en la enseñanza de Historia, principalmente, conforme las contribuciones de Suzanne Citron, Gemma Traveria, Philippe Perrenoud y Pierre Bourdieu.

Palabras clave: grupo de estudios; enseñanza de historia; formación inicial y continua.

## Introdução

Há uma reconhecida demanda para a maior integração entre a universidade e a escola, e a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal do Paraná (Proec) visa, entre outros, a incentivar e apoiar projetos que avancem nesse diálogo, desde cursos a iniciativas diversas de extensão.

Por sua vez, a Pró-Reitoria de Graduação (Prograd) tem como uma de suas preocupações o incremento na formação de licenciados, ou seja, na formação de professores. Para tanto, uma de suas iniciativas é o Programa Licenciar, que apoia projetos com esse foco, inclusive com bolsas de estudo para os licenciandos envolvidos.

O Grupo de Estudos Ensino de História (GEEH) foi criado em 2007, e surge na confluência dessas demandas, por contemplar simultaneamente um vínculo com a comunidade externa à universidade (professores em exercício) e licenciandos, da UFPR ou de outras instituições de ensino superior. O objetivo deste trabalho é apresentar os fundamentos, a proposta e os resultados iniciais dessa iniciativa, que permanece em atividade até o momento (segundo semestre/2009), bem como perspectivas de continuidade.

Considera-se que a disciplina de história tem um percurso histórico que vai desde uma atribuição forte em relação à história oficial e ao seu papel na formação do cidadão, com diferentes compreensões a respeito dessa for-

mação e da cidadania. Em especial a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais, vêm sendo revistos o papel e as atribuições da história como disciplina escolar, e o diálogo com a produção historiográfica e pedagógica se faz necessário, na busca de discussão, compreensão e proposição de caminhos e possibilidades para seu desenvolvimento na escola.

Nesse sentido, o GEEH, na forma como foi proposto – aberto à participação de interessados no tema, graduandos e pós-graduandos (da UFPR e de outras IES), professores do ensino básico e superior –, permite a convivência, a leitura, a discussão e a contribuição de diferentes olhares sobre os temas selecionados pelo grupo, a partir de textos escolhidos pelo próprio grupo. A discussão e a reflexão sobre o tema tornam-se mais profícuas, contribuindo para a formação inicial e continuada dos participantes.

A cada início de semestre, os temas e textos são propostos e escolhidos pelo grupo, em função dos desdobramentos do semestre anterior e dos dilemas e desafios que se colocam na prática, no cotidiano escolar. Essa forma de organização permaneceu desde 2007 até o segundo semestre de 2009, na continuidade das atividades.

A organização do grupo visou também a permitir a inserção de um novo participante a qualquer momento, já que as discussões remetem a leituras e discussões anteriores, mas não necessariamente dependem delas. Por outro

lado, a menção a outros textos pode levar ao interesse por ler e conhecer o material, que está disponibilizado na pasta do grupo.

Ao mesmo tempo em que graduandos podem ser beneficiados com essa oportunidade de estudo e troca de experiência com professores em atuação, a respeito de um tema mais específico, os professores da educação básica terão possibilitado um acesso ao conhecimento produzido academicamente, pensando-se em sua formação continuada.

A possibilidade de discussão conjunta, de diversos olhares, pode enriquecer não só a compreensão e o aprofundamento das leituras sugeridas, mas também o amadurecimento da compreensão das possibilidades de aplicação das propostas que vierem a ser cogitadas, quanto à implementação da ideia e à elaboração de planos de ensino, entre outros.

A partir da proposta acima apresentada, o objetivo geral do GEEH foi estabelecido como de "discutir fundamentos teórico-metodológicos do ensino de história e possibilidades de usos de materiais didáticos e documentos no ensino de história para o Ensino Fundamental e Médio". Tal objetivo pode ser mais bem detalhado como:

- discutir relações entre métodos e conteúdos escolares, no ensino de história;
- discutir estudos e materiais referentes ao uso escolar de documentos;
- refletir sobre a prática docente no ensino de história e sua relação com o aluno e sua aprendizagem;
- propiciar o contato e a troca de experiências e olhares sobre os temas entre graduandos e professores do ensino básico, contribuindo para a formação inicial dos primeiros; e
- propiciar aos professores do ensino básico contato com estudos acadêmicos referentes ao ensino de história, contribuindo para sua formação continuada.

## Fundamentos, justificativas e pressupostos

O grupo de estudos é compreendido como uma maneira de promover a formação inicial e continuada de graduandos de Pedagogia e História (principalmente, mas não exclusivamente) e de professores da educação básica, acerca do ensino de história.

A proposta para sua criação funda-se na necessidade de refletir a respeito da função da escola e do ensino de história na escola, no mundo contemporâneo, e dos dilemas que envolvem esses temas, trazidos para a especificidade local. Suzanne Citron (1990) já detectava na França uma crise do sistema escolar, articulada à desestruturação social e à perda da memória, que resultavam em processos de marginalização e violência. Embora tratando de outra sociedade, é possível perceber situação semelhante no Brasil. Parte do problema a autora remete à escola:

O prolongamento generalizado da escolaridade obrigatória criou uma situação antropológica sem precedente: as sociedades que inventaram a escola, há mais de dois mil anos, reservavam a cultura escolar a uma minoria de privilegiados; pede-se hoje a todos os jovens que passem o seu tempo a instruir-se até aos dezesseis anos. Enquanto o estudo, para as aristocracias antigas, era lugar de trabalho desinteressado, elevação da alma, busca sem constrangimento, a escola ocidental, ao generalizar a todos a herança escolar pretendeu, por um lado, fazer de todos os jovens os herdeiros da *paidéia*, da memória cultural da elite e, ao mesmo tempo, decidir do seu futuro profissional e social, segundo as normas do seu insucesso ou sucesso. Contradição insuperável e projecto impossível mascarado pelo discurso dum pseudo-igualitarismo que se exprime na fórmula ambígua de "a igualdade de oportunidades" (CITRON, 1990, p. 112).

Citron ainda discute a adequação do currículo escolar, organizado no século XIX, às necessidades das sociedades contemporâneas:

Hoje em dia, num mundo revisto e modificado pela ciência pós-newtoniana, que linguagens, que chaves, que estrutura de saberes utilizar para dar aos jovens, a partir da sua diversidade familiar e social, os meios para descodificarem o mundo que os rodeia, para traçarem as suas referências numa cultura tecnológica, audiovisual, informática? Como representarmos o universo em categorias contemporâneas e não segundo as do século passado? O fim proclamado da escola é transmitir "o" conhecimento e "o" saber. Poderemos fazê-lo sem nunca nos interrogarmos acerca do que se transmite? (p. 113)

O encaminhamento proposto é dar prioridade ao sujeito, "dar-lhe os meios para construir a sua pessoa, para compreender o mundo em que vive, para se descobrir passo a passo na imagem que os outros lhe dão e no seu próprio narcisismo, para aprender a comunicar, criar, lutar, construir" (p. 117). E um dos eixos centrais para essa formação e socialização seria a memória, em diversas dimensões (da espécie, da origem; imediata, dos meios de comunicação, do século; e memórias culturais, sociais, populares, do tempo longo).

Em relação a essa problematização, Gemma Traveria (2005) discute e propõe o uso de fontes primárias no ensino de história, sugerindo encaminhamentos para essa prática pedagógica, compreendida como contribuição para a superação de dilemas colocados para a

escola e para o ensino de história na atualidade, entre os quais se podem situar aqueles identificados por Suzanne Citron.

Especificamente quanto ao uso de documentos no ensino de história, entende-se que, mesmo na abordagem mais tradicional, podiam-se encontrar trechos de documentos ou registros iconográficos em livros didáticos. Contudo, o que mudou ao longo do tempo foi o entendimento quanto ao olhar e à utilização que se deve lançar a esses documentos, a partir da discussão, no âmbito historiográfico, a respeito da construção da história, do papel do historiador e da concepção de documento.

Enquanto há algumas décadas o documento, no livro didático, cumpria o papel de ilustração do fato, utilizado como comprovação da verdade, não problematizado, atualmente seu uso não é proposto de forma tão simplista – embora ainda possa ser assim, caso não haja um encaminhamento metodológico adequado por parte do professor, em sala de aula.

Para a condução da discussão no grupo de estudos a respeito das contribuições possíveis de utilização de documentos no ensino de história, parte-se de alguns pressupostos, que são elencados a seguir:

1) de que há clareza, por parte dos participantes do GEEH, sobre não haver uma verdade absoluta a respeito do fato histórico, mas versões possíveis, não necessariamente excludentes entre si, a ponto de se levar essa postura e compreensão para sua prática como docente, permeando-a e ao seu discurso e abordagem de história em sala de aula<sup>2</sup>;

2) de que os documentos são registros parciais, limitados, de olhares possíveis a respeito de fatos e práticas;

3) de que as fontes possíveis para a compreensão da história não se limitam aos

<sup>2</sup> Embora este primeiro pressuposto pareça óbvio, as observações e experiências, no contato com docentes da educação básica (de anos iniciais do ensino fundamental até o ensino médio), indicam que nem todos têm essa clareza. E, mesmo quando a têm, encontram dificuldade em enunciar e trabalhar essa concepção de história permeando os conteúdos, e não somente como uma unidade de ensino, principalmente quando o livro didático utilizado não a contempla ostensivamente. Ressalta-se que este tema necessita de estudos mais aprofundados, daí o cuidado em destacá-lo.

registros escritos e oficiais, mas abrangem também objetos, registros orais, produções escritas não formais, registros iconográficos, enfim, toda e qualquer forma de informação e registro a respeito do fato ou tema a ser problematizado e averiguado historicamente;

4) de que o ensino de história deve efetivamente superar a abordagem informativa, conteudista, tradicional, desinteressante e não significativa – para professores e alunos – e que uma das possibilidades para essa superação é sua problematização a partir do que está próximo, do que é familiar e natural aos alunos. Esse pressuposto é válido e aplicável desde os anos iniciais do ensino fundamental, quando é necessário haver uma abordagem e um desenvolvimento importante das noções de tempo e espaço, juntamente com o início da problematização da compreensão e explicação históricas, e o contato com documentos, até o ensino médio, quando a discussão pode ser mais complexa e as relações entre a história local, regional, nacional e geral, exploradas de forma mais aprofundada;

5) de que este processo de construção do conhecimento histórico deve ser gradativamente construído no ensino fundamental e médio como um todo, e que é viável inclusive como forma de superação do dilema quantidade (de conteúdo) x qualidade de aprofundamento, problematização e construção do conhecimento histórico. Se os sistemas estaduais de educação estabelecem diretrizes quanto a conteúdos a serem abordados em cada série escolar, o professor tem relativa autonomia para definir como trabalhá-los. Nesse sentido, os pressupostos enunciados nos itens 1 a 4 podem constituir uma unidade de ensino, mas não se esgotam ali, devendo ser base recorrente de sentido e abordagem de quaisquer conteúdos nesta disciplina escolar;

6) de que, nesta proposição de ensino de história, a história da instituição escolar – que não se limita ao seu âmbito formal, mas envolve a vida cotidiana da instituição, a comunidade escolar que dela fez parte em algum momento, e

suas práticas e cultura – e os diferentes momentos e contextos para sua compreensão podem ser um ponto de partida muito profícuo para a problematização e o ensino de história, por várias razões, entre as quais: por nela estarem imersos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem e, portanto, lhes parecer conhecida; por poderem ser problematizadas, desconstruídas, desnaturalizadas e compreendidas, por exemplo, muitas práticas vigentes nesse âmbito – nesse sentido, explora-se sua historicidade e contexto, com relações que vão muito além do local, mas que também o consideram, e o aluno pode compreender-se como agente histórico, que constrói, modifica ou mantém tais práticas, assim como aqueles que o antecederam; entre outros; e

7) de que, dessa forma, o ensino de história pode superar muitos dos dilemas que tem enfrentado, em especial quanto à sua função na sociedade e na escola contemporâneas. Considera-se que estas também carecem de reflexão e de reformulação, para tornar o ensino de história mais significativo e interessante para alunos e professores, na medida em que estes não se veem mais excluídos por uma história pronta e acabada, informativa, que não lhes auxilia a compreender sua realidade. A proposição é de que a história pode lhes permitir problematizar sua realidade cotidiana, percebê-la como algo que não é natural, mas que foi construído historicamente, e que, portanto, como agentes históricos que são, as escolhas que eles fazem constituem uma construção histórica.

Tratando-se ainda da superação dos dilemas identificados por Suzanne Citron, uma necessidade se refere à formação de professores, para que estes estejam conscientes de sua função e das discussões acerca da função da escola e do ensino de história. Philippe Perrenoud (2001) propõe uma discussão sobre “como conceber uma formação deliberada do *habitus* profissional, orientada por objetivos, mas aberta, respeitosa à pessoa, que não retroceda nem à ‘instrução disciplinar’, nem ao simples

aprendizado por tentativas e erros, no âmbito de estágios tradicionais ou de outros 'momentos de prática'" (p. 163).

Como *habitus*, o autor utiliza o referencial de Pierre Bourdieu, remetendo assim às "disposições adquiridas pela experiência, logo, variáveis segundo o lugar e o momento" (2004, p. 21). Ainda para Bourdieu, o *habitus*,

[...] Sendo produto da incorporação da necessidade objetiva, [...] necessidade tornada virtude, produz estratégias que, embora não sejam produto de uma aspiração consciente de fins explicitamente colocados a partir de um conhecimento adequado das condições objetivas, nem de uma determinação mecânica de causas, mostram-se objetivamente ajustadas à situação. [...] [Os agentes] fazem, com muito mais frequência do que se agissem ao acaso, "a única coisa a fazer". Isso porque, abandonando-se às intuições de um "senso prático" que é produto da exposição continuada a condições semelhantes àquelas em que estão colocados, eles antecipam a necessidade imanente ao fluxo do mundo (2004, p. 23).

No sentido acima apresentado é que Perrenoud defende a constituição intencional de um *habitus* profissional. À medida que haja o reconhecimento de que o *habitus* é parte inerente da ação pedagógica, podem-se propor estratégias para seu aperfeiçoamento. O autor sugere duas, que são complementares:

1. Transformar as conduções de sua prática para induzir uma evolução de seus hábitos.

2. Favorecer a tomada de consciência de seu funcionamento e a passagem de certas ações sob o controle de conhecimentos procedimentais e da razão (2001, p. 170).

Perrenoud também elenca dez "mecanismos suscetíveis de favorecer a tomada de

consciência e as transformações do *habitus*" (p. 174), entre os quais estão: a prática reflexiva e a mudança nas representações e nas práticas.

Deve-se lembrar que, para Bourdieu, o *habitus* é ao mesmo tempo coletivo e individual, e este autor enfatiza sua característica de incorporação no agente, de tal forma que se torna o próprio agente, em um processo de interiorização, reproduzindo internamente nele as estruturas externas do mundo. Contribui significativamente para a reprodução da ordem social, na medida em que esta não pode se dar sem a adesão, o reconhecimento e mesmo a ação dos agentes e instituições envolvidas; contudo, esse processo se dá de forma sutil, em geral inconsciente por parte dos agentes.

A constituição do *habitus* implica uma dialética entre ele e as significações prováveis percebidas pelo agente, no sentido de que este tenderá a observar na realidade elementos que reconhece e pensa compreender, resultando em práticas que reforçam essa visão de mundo. Bourdieu denomina essa situação "causalidade do provável", uma vez que as disposições incorporadas levam o agente a limitar-se ao que entende como possível, considerando seu lugar no mundo.

Nesse sentido, entende-se que as discussões e reflexões desenvolvidas no grupo de estudos podem contribuir positivamente para a constituição do *habitus* dos graduandos participantes, e para a tomada de consciência e transformação da prática dos professores participantes, no que diz respeito à sua ação docente e ao ensino de história.

## Organização e reuniões

A cada início de semestre, os participantes do grupo propõem e elegem temas e textos a

serem estudados, organizando um cronograma de reuniões, com periodicidade quinzenal. Essa periodicidade visa a permitir a leitura prévia dos textos para discussão no intervalo entre dois encontros, e também a não dispersar o grupo, o que poderia ocorrer com um intervalo maior entre as reuniões.

As reuniões têm horário pré-fixado, das 14:00 às 17:00. Esse horário foi estabelecido por permitir um aprofundamento das discussões, sem inviabilizar a escolha de não haver intervalo, ou seja, o estudo tem três horas. Optou-se por não haver intervalo, pois poderia haver dispersão do grupo, ou mesmo atraso no retorno dos participantes para a discussão.

As reuniões são realizadas em uma sala de aula, no Setor de Educação da UFPR, que tem localização central na cidade de Curitiba, facilitando o deslocamento dos participantes.

A divulgação do grupo ocorreu e ocorre por diversos meios, como na página de abertura da UFPR, por cartazes afixados no prédio onde os encontros são realizados, e por e-mail para todos que já participaram do grupo e para as escolas públicas de Curitiba.

Os textos designados para o semestre e o material utilizado nos semestres anteriores são disponibilizados em uma pasta na fotocopadora do prédio, assim que o cronograma é divulgado.

A reunião propriamente dita geralmente é iniciada com informes sobre eventos, cursos ou materiais, pelos participantes, que trazem e divulgam o que entendem como relevante e de interesse comum do grupo. Em seguida, são destacados os elementos do texto que foram considerados mais interessantes, e a partir daí todos participam, discutem e trocam ideias sobre o tema. A função da coordenação do grupo é promover esse debate, permitir e provocar todos os participantes a realmente se envolver na discussão, de forma que não haja um expositor ou um participante que domine toda a fala ou argumento.

A vantagem do grupo é que todos que estão ali estão por interesse ao tema. Como a única solicitação feita é a leitura prévia dos textos, e eles são disponibilizados com muita antecedência, em geral todos os leram, embora possa haver, claro, alguma exceção. Nesse caso, espera-se que a discussão sobre o tema leve o participante a interessar-se por ler e conhecer melhor as ideias que foram abordadas.

Em 2007, a cada semestre os textos foram definidos na primeira reunião, bem como o cronograma. Em 2008, no primeiro semestre, optou-se por selecionar textos de acordo com as demandas que surgirem durante os debates. A avaliação não foi muito positiva, uma vez que os participantes nem sempre tinham sugestões relativas a temas específicos, e tiveram dificuldades em organizar-se para a leitura. No segundo semestre de 2008 voltou-se ao formato de cronograma de leituras definido no início do semestre. Nesse ano também foi estabelecida uma dinâmica diferente para os encontros: na primeira parte da reunião ocorre a discussão do texto indicado e, na segunda parte, há uma apresentação e discussão acerca de algum material didático ou relato de experiência. Essa iniciativa, por sua vez, foi de grande sucesso, permanecendo no primeiro e segundo semestres de 2008. A avaliação geral foi de que ela permitia aliar, problematizar e visualizar a relação teoria e prática, tão ressaltada mas nem sempre compreendida.

Em 2007 e 2008 deve ser ressaltada a grande participação de professores do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE), uma iniciativa da Secretaria de Estado da Educação do Paraná, de formação de professores, que resultou em uma parceria com universidades públicas, entre elas a UFPR, onde foi transformado em um convênio e programa de extensão pela Proec. Professores da área de História participantes do PDE participaram ativamente das atividades e discussões do GEEH, inclusive apresentando, no segundo momento das reuniões, resultados de suas pesquisas e materiais didáticos que

desenvolveram. A média de participação nestes anos foi de 30 pessoas, havendo dias em que as discussões precisaram ser realizadas inicialmente em subgrupos, para depois todos se reunirem para o fechamento e conclusões.

Em 2009, o GEEH naturalmente tomou um outro caminho: por não haver a participação de professores PDE – uma vez que houve mudança no calendário da Seed para seleção e atividades em 2009 –, o número de participantes foi bastante reduzido (em média seis pessoas), permitindo outra dinâmica e o atendimento de outra demanda: a produção de material didático, a partir de fontes históricas.

Nesse caso, para o primeiro semestre foi definido o estudo do livro de Gemma Traveria (2005) intitulado “Enseñar a pensar historicamente: los archivos y las fuentes documentales em la enseñanza de la historia”. O livro e suas proposições teórico-metodológicas servirão como base para a elaboração, no segundo semestre, de um dossiê temático didático.

A primeira decisão a ser tomada pelo grupo para esse dossiê foi quanto ao tema: o desafio era encontrar um tema de interesse comum aos participantes, relevante para o ensino de história, e que permitisse acesso a fontes para sua produção. Nesse caso, foi definido o tema “Ditadura militar no Paraná”, tanto por atender aos quesitos acima mencionados quanto por permitir ao professor, em sala de aula, a problematização de um tema com ênfase regional e local, uma das preocupações e desafios que têm sido colocados para os professores de história. Outra decisão foi de que o material seria desenvolvido, voltado para o Ensino Médio, quanto às problematizações, o que não impediria o professor do Ensino Fundamental de utilizá-lo, adaptando-o às suas necessidades, e às da turma com a qual trabalhará.

A dinâmica proposta para as atividades

do segundo semestre de 2009 é a seguinte: uma bolsista e um voluntário pesquisarão documentos diversos sobre o tema, que serão apresentados na primeira reunião. Os documentos serão selecionados pelo grupo, em razão de seu potencial didático, e será elaborado, conjuntamente, um roteiro ou ordenação deles. Os documentos serão distribuídos entre os participantes, e cada um elaborará uma proposição de utilização didática, que será apresentada e discutida pelo grupo, de forma a possibilitar a produção individual e a coletiva, constituindo, ao final do semestre, um dossiê desenvolvido coletivamente. Pretende-se tentar a publicação desse dossiê. Outra possibilidade é disponibilizá-lo no site<sup>3</sup> do grupo de estudos.

## Perspectivas futuras

No geral, a avaliação do grupo, pelos participantes, tem sido positiva, tanto por parte dos graduandos quanto dos professores em exercício, e os objetivos estabelecidos, em especial aqueles referentes à reflexão sobre a prática, parecem estar sendo atingidos, articulados aos demais, que tratam de questões teórico-metodológicas.

Há intenção de que haja continuidade nas atividades do grupo de estudos, intenção essa manifestada tanto pela coordenação quanto pelos participantes.

Em alguns momentos, cogitou-se desenvolver um projeto para o ensino de história, por exemplo, abordando a história local ou uma proposta que envolva os arquivos escolares. O

<sup>3</sup> O site do Grupo de Estudos Ensino de História visa a divulgar as atividades, referências e materiais produzidos no e pelo GEEH: [www.educacao.ufpr.br/gehistoria.htm](http://www.educacao.ufpr.br/gehistoria.htm)



projeto deveria ser aplicado pelos professores em exercício nas escolas em que lecionam, com suporte do grupo e dos bolsistas a ele vinculados, para avaliar a possibilidade de concretização das ideias derivadas dos estudos realizados nesse espaço. Contudo, ainda não houve uma decisão a esse respeito, que talvez aconteça futuramente.

Finalmente, pretende-se incrementar, quanto a materiais e subsídios diversos, o site do grupo de estudos, de forma a poder oferecer alguma contribuição a interessados que não possam participar diretamente dos estudos, e de

divulgar a existência do grupo, que permanece aberto para a integração de novos participantes.

Considera-se que o GEEH vem atendendo, dessa forma, aos princípios de uma atividade de extensão, de uma iniciativa de formação de fato continuada, de acordo com Bourdieu e Perrenoud, de problematização e desenvolvimento de iniciativas para o ensino de história; e de diálogo permanente com professores da área em exercício.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. Tradução Cássia R. da Silveira; Denise M. Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004. 234 p.

CITRON, Suzanne. *Ensinar a história hoje – a memória perdida e reencontrada*. Tradução Guida M.A. de Carvalho e Luís Vidigal. Lisboa: Livros Horizonte, 1990. 147 p.

PERRENOUD, Philippe. O trabalho sobre o habitus na formação de professores: análise das práticas e tomadas de consciência. In: PAQUAY, Léopold *et al.* (Orgs.). *Formando professores profissionais: quais estratégias? quais competências?* 2. ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 161-184. 224 p.

TRAVERIA, Gemma T. *Enseñar a pensar historicamente: los archivos y las fuentes documentales em la enseñanza de la historia*. Barcelona: I.C.E. Universitat Barcelona/Horsori Editorial, 2005. 222 p.

### APÊNDICE – TEXTOS DISCUTIDOS NO GRUPO DE ESTUDOS (1º SEM/2007 - 2º SEM/2009)

CARRETERO, Mario. Perspectivas disciplinares, cognitivas e didáticas no ensino das ciências sociais e da história. In: \_\_\_\_\_. *Construir e ensinar as ciências sociais e a história*. Trad. Beatriz A. Neves. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 15-29 (cap. 1).

\_\_\_\_\_. Construção do conhecimento e ensino das ciências sociais e da história. In: \_\_\_\_\_. *Construir e ensinar as ciências sociais e a história*. Trad. Beatriz A. Neves. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 31-54 (cap. 2).

\_\_\_\_\_. Compreensão e ensino da causalidade histórica. In: \_\_\_\_\_. *Construir e ensinar as ciências sociais e a história*. Trad. Beatriz A. Neves. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 55-71 (cap. 3).

CITRON, Suzanne. Em busca das memórias perdidas. In: \_\_\_\_\_. *Ensinar a história hoje – a memória perdida e reencontrada*. Trad. Guida M. A. de Carvalho e Luís Vidigal. Lisboa: Livros Horizonte, 1990. p. 103-147.

GONÇALVES, Nadia G. A escola e o arquivo histórico escolar como locais de memória: discutindo possibilidades de trabalho do pesquisador, do professor de história e de diálogos com a comunidade escolar. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 23, 2005, Londrina. *Anais...* Londrina, 2005. CD-ROM. 10 p.

MATTOZZI, Ivo. Ensinar a escrever sobre a História. *Enseñanza de las Ciencias Sociales*, Barcelona, n. 3, p. 39-84, 2004. Trad. Fábio L. Iachtechen.

\_\_\_\_\_. Memória y formación histórica. *IBER – Didáctica de las Ciencias Sociales, Geografía y Historia*, n. 55, p. 30-42, enero/2008.

MIRANDA, Sonia R. Reflexões sobre a compreensão (e incompreensões) do tempo na escola. In: DE ROSSI, Vera L. S.; ZAMBONI, Ernesta (Orgs.). *Quanto tempo o tempo tem!* Campinas: Alínea, 2003. p. 173-204.

MONTEIRO, Ana M. F. C. A história ensinada: algumas configurações do saber escolar. *História & Ensino*, Londrina, v. 9, p. 37-62, out. 2003.

NEVES, Joana. Reflexões sobre o ensino de história: discussão de algumas proposições de Jacques Le Goff. *História & Ensino*, Londrina, v. 9, p. 157-170, out. 2003.

PAGÉS, Joan. El lugar de la memoria en la enseñanza de la historia. *IBER – Didáctica de las Ciencias Sociales, Geografía y Historia*, n. 55, p. 43-53, enero/2008.

RANZI, Serlei M. F. Fontes orais, história e saber escolar. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 18, p. 29-42, 2001.

ROSA, Alberto. Recordar, descrever e explicar o passado. O que, como e para o futuro de quem? In: CARRETERO, Mário *et al.* *Ensino da história e memória coletiva*. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 53-60.

SCHMIDT, Maria A.; GARCIA, Tânia B. O trabalho histórico na sala de aula. *História & Ensino*, Londrina, v. 9, p. 219-238, out. 2003.

TRAVERIA, Gemma T. *Enseñar a pensar historicamente: los archivos y las fuentes documentales em la enseñanza de la historia*. Barcelona: I.C.E. Universitat Barcelona/Horsori Editorial, 2005. 222 p.

Texto recebido em 27 de julho de 2009.  
Texto aprovado em 22 de setembro de 2009.